

SALVAR O NOSSO PASSADO: CULTURA MATERIAL E PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

Arno Alvarez Kern ¹

As modificações ocorridas nos estados nacionais europeus, provocadas pelas revoluções republicanas e a queda do absolutismo, no início do século 19, despertavam um interesse muito grande pela história e pela arqueologia. Buscaram-se intensificar os estudos sobre as origens das nações e a definição de suas identidades culturais.

A era dos antiquários e dos cronistas antigos foi sendo pouco a pouco substituída pela era dos historiadores e arqueólogos modernos². Esta transição, que já se podia reconhecer no século 18, intensificou-se ao longo do século 19. Ela foi contemporânea ao aperfeiçoamento das metodologias de pesquisa, novas técnicas de escavação e a cronologia relativa montada a partir das estratigrafias dos sítios, o que permitiu um avanço notável. Até meados do século 18, as antiguidades encontradas na Europa eram atribuídas ao mundo greco-romano ou aos gauleses e celtas. Esta atividade arqueológica histórica deu origem à primeira noção de patrimônio nacional, associada à arqueologia dos sítios históricos, durante a Revolução Francesa (1790): os “monumentos históricos”³. Inicialmente foram assim designados os edifícios, os mausoléus, as estátuas, os vitrais, que se referiam à história dos jovens estados nacionais e materializavam a sua identidade. A palavra patrimônio ainda era nesta época como para os romanos apenas associada à herança familiar paterna.

Não se podia ainda saber que os primeiros homens haviam sido contemporâneos de animais pleistocênicos extintos. As escavações de Boucher de Perthes evidenciaram a contemporaneidade de lâminas de machados lascadas (indústrias líticas abevilense e achelense) com os ossos de mamutes. A arqueologia pré-histórica dava seus primeiros passos, quando seus trabalhos de pesquisa foram apresentados na França, em meados do século 19. Outro dos pontos de partida foi a classificação que Christian Thomsen estabeleceu na primeira periodização destes achados no Museu Nacional da Dinamarca, ao estabelecer uma tríplice

¹ Pesquisador do CNPq. Membro da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). Professor Titular aposentado da UFRGS e PUCRS.

² DEMOULE, Jean-Paul. *L'archéologie. Entre science et passion*. Paris : Gallimard, 2005. p. 36-37. BAHN, Paul (dir.) *Archéologie*. Paris : Delachaux e Niestlé, 2002. p. 22-23 e 30-33.

³ SIRE, Marie-Anne. Patrimoine In: DELACROIX, C. DOSSE, F. GARCOIA, P. OFFENSTADT, N. *HISTORIOGRAPUIES* (Vol. 2). Paris: Gallimard, 2010. P. 821.

ordenação dos materiais arqueológicos: Idade da Pedra, Idade do Bronze e Idade do Ferro. Entretanto, as modificações foram muito além disto.

A arqueologia iniciava a sua institucionalização ao entrar na universidade: em 1851 foi criada na Universidade de Cambridge uma cátedra de arqueologia. A geológica, a paleontologia e a arqueologia organizavam-se como ciências capazes de produzir novos saberes e novas interpretações. A geologia desenvolvia suas pesquisas a partir da ideia de estratigrafia das camadas de formação do relevo terrestre. Estudavam-se as camadas geológicas da terra. Supunha-se que as mais antigas estariam em profundidade e as mais recentes na superfície. Posteriormente percebeu-se que na realidade a situação era bem mais complexa do que isto, havendo diversas formas de perturbação do solo geológico, a partir de movimentos tectônicos da crosta terrestre. Os objetos encontrados pelos arqueólogos nestas camadas permitiriam o estabelecimento de sequências cronológicas e de periodizações, das mais antigas para as mais recentes. Até então, imaginava-se uma idade de seis mil anos para a humanidade, pois a criação era datada: 4.000 antes de Cristo. Pouco a pouco, entretanto, estas datas recentes começaram a ser discutidas, devido às descobertas cada vez mais importantes do que se denominava então “homem pré-diluviano”. A descoberta do *homo erectus* na caverna de Chukutien, na China, provocou uma ampliação extraordinária das estimativas cronológicas, que passaram a referir-se a 600.000 anos como possível idade para a origem do homem.

A arqueologia desenvolvida em sítios históricos, por sua vez, iria dar um salto de qualidade. Em Atenas são fundadas escolas de arqueologia pelos franceses (1846), alemães (1874), americanos (1881) e britânicos (1886). Henrich Schliemann assiste na Universidade da Sorbonne um seminário de arqueologia, antes de ir escavar em Tróia e Micenas. Seus achados, fantásticos para a época atraíram dezenas de arqueólogos para o Mediterrâneo oriental, o Egito, a Mesopotâmia e a Palestina. Tiveram início as escavações em Olímpia, Delfos, Cnossos, Nínive, Ur, Karkemish, etc. Destacam-se os nomes de Artur Evans, Leonard Woolley, Flinders Petrie, etc. Lloyd Stephens e Frederick Catherwood realizam viagens de reconhecimento na América Central e publicam informações sobre as ruínas maias de Uxmal, Palenque e Copan. A cidade de Machu Pichu é descoberta por Hiram Bingham, no Peru. Os ingleses escavam Moenjo Daro e Harappa no vale do Rio Indo, atual Paquistão, descobrindo uma nova civilização contemporânea da Suméria. Após dez anos de pesquisas no Vale dos Reis, Carter descobre o túmulo de Tutancamon em 1922. A civilização hitita passa a ser

melhor conhecida com a decifração de sua escrita. Estas e novas descobertas que tiveram impacto mundial provocam uma melhoria progressiva nos métodos e técnicas arqueológicas. A europeização inicial da arqueologia foi rapidamente superada. A arqueologia transformava-se em uma ciência capaz de dar explicações a partir da cultura material encontrada em sítios arqueológicos numa escala mundial.

Ao lado das ciências do homem, mas com ricas e contínuas relações com as ciências da natureza, a arqueologia se desenvolveu e se institucionalizou, transformando-se em uma formação acadêmica e uma ciência reconhecida. Suas diferentes correntes e seus diferentes percursos convergem para uma só ciência unificada em torno das técnicas e dos métodos empregados, bem com teoricamente orientada, independentemente das singularidades que possam existir nos diversos territórios explorados.

Na medida em que estas ciências em construção ainda estavam em busca de suas identidades, os muros que as separavam, mesmo nas universidades, eram (e ainda são), muito altos e havia entre elas inúmeros preconceitos. Mas na maioria das vezes, tratava-se ainda de desconhecimento muito grande e de ilusões de ambos os lados.

A arqueologia é uma ciência que iniciou sua longa marcha de dois séculos, em busca de uma identidade em meio a profundas transformações intelectuais, tensões entre as ciências da natureza e do homem.

Mas as diferentes tradições arqueológicas se unem quando seguem os mesmos procedimentos básicos: tipologia, tecnologia, estratigrafia. Esta arqueologia que se constitui começa a seguir o mesmo caminho da história ao realizar a crítica das fontes (como a história metódica) e o tentar organizar os dados obtidos em esquemas cronológicos, tentando desvelar os processos de povoamento e construindo narrativas sobre a diacronia dos acontecimentos passados.

Na primeira metade do século XIX, a arqueologia emerge em meio ao movimento cultural do romantismo e está ligada ao surgimento e ao fortalecimento dos estados nacionais. Este fato fornece à incipiente ciência arqueológica uma nova dimensão. Ela poderá ser uma ciência nacional relacionada à busca da sua identidade nacional por alguns países, onde ela pode ser colocada a serviço de história locais.

Nos novos estados nacionais em formação na Europa, a arqueologia passou a ter uma nova dimensão: a busca de uma identidade nacional. A partir da busca de elementos da cultura material relacionados com o passado de comunidades locais, a arqueologia foi capaz

de colaborar com a construção destas identidades. Serviu também para atender às reivindicações territoriais de nações e aos seus desejos de hegemonia.

Na segunda metade do século XIX, a internacionalização da arqueologia e a afirmação da teoria evolucionista, favorecem o surgimento de uma arqueologia unitária capaz de se realizar com as mesmas condições teórico-metodológicas em qualquer parte do globo. Este fato evidencia o amadurecimento gradual de uma ciência em construção, baseada em três fundamentos básicos: a tipologia, a estratigrafia e a tecnologia. A partir de então, a arqueologia se difunde pela Ásia, África e América, chegando ao Brasil. Assim, no século 19, uma nova ciência iniciou seu caminho: nas ruas de Pompéia, pelo vale do Nilo, no interior de cavernas paleolíticas. Este novo caminho leva os arqueólogos também à Mesopotâmia, à Grécia e a outros continentes.

No século 20 novas e importantes descobertas ocorreram. No campo da arqueologia histórica podemos lembrar: a cidade de Machu Picchu (Birgham, 1911) e o túmulo de Tutankamon (Carter, 1922). No campo da arqueologia pré-histórica, não podemos deixar de destacar: o *Australopitescus africanus* de Taung (Dart, 1925), o *Zinjanthropus boisei* (Mary Leacy, 1959) e o *Homo habilis* (Jonathan Leakey, 1960), o mais antigo homem conhecido.

Todos estes domínios explorados levaram a arqueologia a se constituir em uma ciência autônoma: da prospecção à escavação, da análise em laboratório à produção de um novo saber. A escavação passou a ser uma atividade emblemática desta disciplina, mas nunca esgotou todas as suas atribuições.

As primeiras etapas desta arqueologia que se pretende científica são, inicialmente, o estabelecimento de sistemas comuns de referência. Depois, os levantamentos exaustivos dos sítios arqueológicos, as definições dos conjuntos de culturas materiais e a construção de escalas cronológicas válidas para regiões, países ou continentes. Séries tipológicas serviram para estabelecer cronologias relativas, antes do surgimento de técnicas mais precisas de cronologia absoluta. Para estas atividades em larga escala, foram criadas instituições ligadas, sobretudo, aos museus e às universidades, criando redes de instituições onde se instalaram os laboratórios da nova disciplina. Estes foram também os primeiros passos da arqueologia no Brasil.

Ao longo da segunda metade do século 19 e durante o século 20, cada país buscou estabelecer instituições de pesquisa especializadas, dispondo de recursos humanos e técnicos para realizar as tarefas básicas iniciais: levantamentos e cartografia dos sítios, escavações em

sítios selecionados e análises laboratoriais dos vestígios encontrados, elaboração de sínteses e publicações. Os vazios dos mapas arqueológicos começaram a diminuir e livros e artigos a se multiplicar⁴.

Na França, se estabelece em 1837 a Comissão dos Monumentos Históricos, antepassada de nossos atuais Institutos do Patrimônio e Artísticos Nacionais.

Assim como na história ocorreu no século 19, com a “escola metódica”, também a arqueologia buscou uma unidade em torno dos métodos. Com a estratigrafia, a seriação e a tipologia, foi possível classificar as descobertas e montar quadros cronológicos, muito antes da existência da cronologia absoluta.

Os arqueólogos passaram a fundamentar as suas reflexões estabelecendo as normas de uma disciplina: a) comparações das matérias primas e a tecnologia empregada para a fabricação dos implementos, bem como as circunstâncias da descoberta, no sítio arqueológico, ou seja, as relações mútuas entre os objetos entre si; b) comparação dos objetos pelas formas; c) o método tipológico (A. Pitt-Rivers); d) o método estratigráfico (Boucher de Perthes) e) o tratamento cartográfico (topografia e mapas das culturas); f) as técnicas de seriação (Flinders-Petrie), etc.

Organiza-se um sistema de descrição arqueológica com noções fundamentais: cultura, estilo, indústria, etapa, época, período, etc. Combinando o tempo com o espaço, a arqueologia começa a organizar a dar explicações teóricas difusionistas e migracionistas, sobre as culturas materiais. Estas passam a ser consideradas como relacionadas a grupos étnicos do passado.

A etnologia nascente começou a estabelecer o esquema sociológico do desenvolvimento evolucionista (barbárie, selvageria e civilização). Sua influência, entretanto, foi muito limitada até os anos 60 do século XX. Somente então, a antropologia social e cultural anglo-saxônica passou a influenciar fortemente a arqueologia.

Finalmente, uma preocupação maior surgiu, a preservação dos sítios arqueológicos e a elaboração de inventários detalhados das informações e dados, bem como de suas coleções de objetos. Ou seja, garantir um futuro para o nosso passado. O arqueólogo inglês Flinders Petrie (1853-1942) assim expressou esta ideia: “O inventário é a linha de divisão absoluta entre a pilhagem e o trabalho o trabalho científico (...). Em arqueologia, o crime imperdoável é a

⁴ SCHNAPP, Alain. Histoire de l'archéologie et l'archéologie dans l'histoire. In: DEMOULE, J-P.; GILIGNY, F.; LEHOERFF, A.; SCHNAPP, Alain. Guide des méthodes de l'archéologue. Paris: La Decouverte, 2002. p 27-30.

destruição irreparável dos vestígios; e cada descoberta destruída é um elemento a menos a ser inteligentemente repertoriada”⁵. O conceito de patrimônio arqueológico ainda não está escrita nesta frase, mas a sua premissa fundamental está presente.

No período entre as duas guerras mundiais, a arqueologia vê seus territórios e seus conhecimentos se ampliarem. Crescimento dos trabalhos em arqueologia clássica na Itália, Grécia e Turquia. Amplia-se a arqueologia urbana: o inglês M. Wheeler escava na Índia, os americanos que se dedicam à arqueologia histórica escavam na ágora de Atenas e cidades da antiguidade oriental na Mesopotâmia.

Mas, ao mesmo tempo, a arqueologia sofre os efeitos negativos do contexto histórico. Em primeiro lugar, na Alemanha: o regime nazista tenta provar a pureza da raça ariana e cria uma arqueologia nacionalista ao se aproveitar dos trabalhos de G. Kossina (*Pré-história germânica*, de 1912), que tentava identificar culturas arqueológicas aos grupos étnicos e às nacionalidades. Em segundo lugar, na Itália: o regime fascista de Mussolini tenta colocar a serviço do novo regime as pesquisas sobre o passado romano, demolindo parte da Roma medieval para dar origem a uma nova avenida que valoriza os foros imperiais romanos. Em terceiro lugar, na URSS: critica-se o conceito tradicional de arqueologia e a própria arqueologia tradicional (“ciência burguesa”) e defende-se a “história da cultura material” (situada junto à economia, no mesmo Instituto da Cultura Material), colocando a serviço do regime estalinista a atividade dos arqueólogos soviéticos. Todas as descobertas eram submetidas ao esquema simplista que o marxismo vulgar tinha estabelecido para os modos de produção e as lutas de classe. Para destacar a documentação que reforçava a identidade nacional da etnia russa, Stalin restringiu as pesquisas arqueológicas a territórios russos e não aos soviéticos com o um todo. Eram focadas nas origens e no desenvolvimento da etnia russa, para confrontar-se às afirmações alemãs de superioridade ariana. Mas isto tinha como objetivo também fazer face às possibilidades de estudos em sítios de outras etnias, para evitar a busca de identidades locais por parte de populações dominadas pela União Soviética⁶. Nações foram assim proibidas de estudar e valorizar o seu patrimônio arqueológico.

O incrível acúmulo de descobertas arqueológicas, ocorrido a partir do final do século 19 e do início do século 20, provocou inúmeras mudanças na ciência arqueológica, sobretudo no período entre guerras⁷. Por voltas dos anos 30, a própria concepção da arqueologia se altera e

⁵ BAHN, 2002, p. 69.

⁶ GALLIOU, Patrick. *L'Archéologie*. Paris: Editions Jean-Paul Gisserot, 2011. 126 p. p. 122. TRIGGERE, Bruce. *História do pensmno arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004. P. 209-226.

⁷ DEMOULE, Jean-Paul. *L'archéologie. Entre science et passion*. Paris : Gallimard, 2005. p. 36-41.

ela passa a ser vista como o estudo das sociedades humanas a partir da cultura material. Os próprios arqueólogos se transformam. Para Grahame Clark, o arqueólogo agora deve ser um indivíduo que “gosta de fazer viagens, explorações e reconhecimentos”; “hábil em conseguir fundos” e “licenças das autoridades e dos proprietários”; deve ser “topógrafo”, “desenhista” e “fotógrafo” para a documentação das evidências recuperadas; conciliar uma “descrição minuciosa” com a “análise” e o “poder de síntese”; uma certa aptidão para o “jornalismo”; e finalmente ter uma propensão linguística para as relações profissionais com seus colegas de outras nacionalidades ⁸

Nesta época são feitas importantes inovações nos métodos da arqueologia de campo. É a primeira das grandes mutações da ciência arqueológica. Surge o método de escavações em quadrículas de Mortimer Wheeler, a partir de suas experiências nos sítios urbanos da civilização do vale do Rio Indo e de suas escavações em sítios romanos e medievais na própria Inglaterra. Seu objetivo é reconstituir nos sítios históricos de estratigrafia muito complexa, as alterações diacrônicas ocorridas no passado.

Três arqueólogos se destacaram, provocando uma importante modernização em três domínios distintos do patrimônio arqueológico: a arqueologia histórica, a arqueologia proto-histórica e a arqueologia pré-histórica.

O primeiro deles, Sir Mortimer Wheeler (1890-1976), fez seus estudos na Universidade de Londres. Pesquisou com apoio financeiro da Universidade e da Sociedade dos Antiquários de Londres com bolsa apoiada por Sir Arthur Evans.

Como muitos pesquisadores da época (o historiador Marc Bloch, por exemplo), Wheeler lutou na primeira Guerra Mundial. No pós-guerra, defendeu seu doutorado em 1920, dirigiu o Museu do País de Gales, foi conservador do Museu de Londres e primeiro diretor do Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres. Dirigiu inúmeras escavações na Inglaterra (Maiden Castle e a cidade romana de Verulamium). Na Segunda Guerra Mundial, tornou a alistar-se e participou da campanha da África. Terminada a guerra, escavou na Índia (Moenjo-Daro e Harapa) e publicou em 1954 seu livro mais famoso: *Archaeology from the Earth*. Nesta obra lançou os fundamentos das bases científicas de uma escavação em cortes estratigráficos (trincheira de sondagens-piloto, setores e quadrículas) bem como as análises detalhadas, os registros e os controles detalhados das diversas ocupações do sítio

⁸ CLARK1966: 11-12.

arqueológico. Suas escavações partiam de uma problemática, ou de um questionário científico.

Para Wheller a ciência da arqueologia dependia estreitamente de muitas outras ciências e deveria ser, antes de tudo, um processo de síntese, tendo como objetivo principal o estudo das culturas humanas. Quando escava, o arqueólogo não exuma *objetos*, mas *gente*. A vida do passado e a do presente são diferentes, disse ele, mas indivisíveis e a arqueologia deveria ser uma ciência da vida e, como tal, devia ser vivida.

A importância das pesquisas dos arqueólogos agora era tal, que era muito raro se escrever a história sem recorrer à arqueologia. E os milênios da pré-história deveriam ser escritos somente por arqueólogos, sem o recurso à história pela total ausência de documento escritos. O estudo da humanidade como um todo, portanto, passava agora a dever muito à arqueologia. Critica ele ainda os que pensam ser a arqueologia apenas um método de escavação e um conjunto de técnicas de laboratório. Para ele, os arqueólogos trabalham com os testemunhos materiais, mas estes são realizações humanas. Devem, portanto, humanizar estes materiais por uma imaginação controlada: "O arqueólogo pode encontrar o tonel, mas também perder Diógenes"⁹.

O segundo importante arqueólogo desta época foi Gordon Childe (1892-1957). Era um professor de arqueologia na Universidade de Edimburgo e diretor do Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres. Foi especialista no Neolítico e na Idade do Bronze, ou seja, nesta transição da Idade da pedra para a Idade do Bronze, que na Europa se denomina de proto-história. O aprimoramento de suas explicações teóricas permitiu aos arqueólogos uma melhor compreensão do passado. Trabalhou com os conceitos de Revolução Neolítica, Revolução Urbana e Revolução da Metalurgia do Ferro, por exemplo, para testar os avanços tecnológicos em saltos revolucionários ao longo da história.

Gordon Childe publicou em 1929 um ensaio (*The Dawn of European Civilization*) que representa um avanço aos conhecimentos da época. Utiliza as tipologias conhecidas e a ideia de inserção de cada cultura em seu contexto. Ele integrou nos mesmos quadros todos os conhecimentos publicados, em uma interpretação nova e mais ampla. O papel da arqueologia na exploração do passado do homem passava a dar os melhores resultados.

⁹ WHEELER, Mortimer. *Archéologie: la voix de la terre* (1954). Aix-en-Provence: Edisud, 1989. P. 14-5; 243.

Suas ideias de uma “revolução neolítica” e uma “revolução urbana”, atraíram os interesses dos arqueólogos para as passagens de um período a outro na pré-história, numa dimensão diacrônica, ao mesmo tempo econômica e social, acompanhando os historiadores da Revista dos *Annales*. Como eles, foi influenciado pelo marxismo. O progresso se faria por contradições nos meios de produção, ou seja, as revoluções tecnológicas.

Childe discordou do que se fazia na URSS em termos de arqueologia e decidiu seguir um caminho diverso, tanto assim que nunca usou o tradicional conceito de modo de produção. Em plena guerra civil, no início da Revolução Soviética de 1917, Lenine criou em Moscou o Instituto da Cultura Material (1919). Era uma decorrência dos progressos da arqueologia como uma nova ciência, desde o século 19 e nos inícios do século 20. A ideia era que o método arqueológico e a análise da cultura material (os “meios de produção”) eram a resposta à sugestão de Marx de se construir uma história crítica da tecnologia e das condições materiais da existência das diversas sociedades humanas. A pesquisa deveria ser mais aprofundada no conhecimento dos meios de produção, visando uma compreensão melhor da própria produção em estudos da cultura material das diversas sociedades humanas. Se poderia igualmente verificar o alcance das reflexões teóricas de Marx, embasadas apenas no estudo de caso do capitalismo na Europa ocidental, ao serem aplicadas a diversas situações contextuais do passado em diferentes épocas históricas. Estes objetivos não foram seguidos pelo marxismo oficial estalinista que se fechou e limitou suas propostas a uma arqueologia confirmadora do novo estado soviético em detrimento mesmo de outras sociedades não russas existentes nos seus limites nacionais. Estas orientações ultrapassaram o círculo do marxismo, mas terminaram sendo aplicadas no trabalho de muitos marxistas ocidentais como é o caso de Gordon Childe¹⁰.

Após a primeira guerra mundial e a crise mundial de 1929, buscava-se a compreensão dos contextos econômicos e sociais. Revolução tecnológica, estrutura econômica, organização social, meios de produção: conceitos fundamentais do materialismo histórico. Childe só utiliza o conceito de produção a partir do neolítico e o de classe social a partir da civilização. Ambos eram inaplicáveis a todo o conjunto da pré-história. Afirmava ele que: “A divisão feita pelos arqueólogos da pré-história em idades da pedra, do bronze e do ferro, não é arbitrária. Ela está estabelecida sobre os materiais utilizados para dar forma aos utensílios, especialmente as lâminas de machado, que estão entre os mais importantes instrumentos de

¹⁰ KERN 1990: 208. MONGALT, Alexandr. La arqueologia em la URSS. Moscou: Acad. De Ciências, 1960. P. 10-11.

produção. (...) As transformações sobre as quais os arqueólogos têm o hábito de insistir, são efetivamente aquelas que se relacionam às forças produtivas, à estrutura econômica e à organização social. (...) Por seu impacto sobre a toda a humanidade, certas modificações da pré-história são comparáveis a esta dramática transformação que a Inglaterra conheceu no século 19: a revolução industrial. O controle da natureza pelo homem se fez gradualmente, por etapas, com efeitos cumulativos. Mas, entre estas etapas, algumas são verdadeiramente revolucionárias. A primeira revolução que transformou a economia humana deu ao homem o controle dos recursos alimentares. Ele começou a plantar, a cultivar e a melhorar, ao selecioná-los, as plantas comestíveis, ervas, raízes e árvores. O homem pré-histórico obteve sucesso, igualmente, ao se aproximar de alguns animais e domestica-los e, aos quais ele podia fornecer, em troca alimentação, sua proteção e cuidados”¹¹.

O terceiro importante arqueólogo do século 20 foi André Leroi-Gourhan (1911-1986). Em sua aula inaugural, na cátedra de pré-história do Collège de France (1969), nos evidencia que um dos objetivos da pré-história é estabelecer um quadro temporal da existência da humanidade na terra, a partir de uma cronologia baseada nos solos (estratigrafia) nos quais está atestada a presença do homem. Esta estratigrafia nos evidencia os elementos temporais deste panorama: as mudanças ambientais locais (climatologia, paleo-paisagens), as alterações sedimentológicas dos sítios arqueológicos, da geomorfologia das regiões ou dos continentes, das evoluções paleobotânicas e paleontológicas, e da definição da evolução física dos homínidas.

Num dos dois extremos da análise, a pré-história tipológica nos permite estabelecer o desenvolvimento cultural da humanidade a partir da documentação material, inclusive do que ainda hoje pode ser acessível do desenvolvimento intelectual. Os objetos produzidos pelo homem nos permitem uma visão vertical do tempo, através das etapas do processo cultural¹². Assim como existe uma pré-história tipológica, existe também uma pré-história etnológica. Assim, um outro objetivo da pré-história seria constituir conjuntos sincrônicos caracterizando entidades culturais que cobrem da melhor maneira possível, as diferentes atividades do homem do passado, inclusive as que não se materializam diretamente nos objetos exumados, mas nas relações dos objetos entre eles.

¹¹ CHILDE, V. G. Man makes himself. 1936. In: LOUBOUTIN, Catherine. Le néolithique. Les premiers pausans du monde. Paris: Gallimard. P. 130-31.

¹² LEROI-GOURHAN, André. Les racines du monde. Paris: Pierre Belfond, 1982. p. 253-270.

Quanto às reflexões teóricas, que devem estar presentes desde o início dos trabalhos, deve se subordinar aos registros, auxiliar na evidência dos detalhes, inspirar as verificações graças às quais a escavação pode se transformar em uma verdadeira experiência, mas ceder ao estabelecimento imperturbável dos fatos. “Sobre os documentos protegidos ao máximo da influência pessoal do arqueólogo, a interpretação assume então seu valor experimental. Ela assegura o diálogo entre o pesquisador e o sujeito de sua pesquisa”¹³.

Na França, nos anos 1950-60, André Leroi-Gourhan desenvolve o seu método de decapagem em superfícies amplas (*open area*), testado e aplicado a sítios pré-históricos (Arcy-sur-Cure e Pincevent). Com métodos de escavação extremamente meticulosos, visa a compreensão da sincronia dos achados em um determinado momento do passado.

Ele é o fundador de uma etnoarqueologia, ou seja, a aplicação dos recursos da etnologia às práticas e reflexões arqueológicas. Ou seja, no sítio arqueológico se deveria procurar os modos de vida: os espaços vividos pelos homens do passado em sua maneira de habitar. Tornou mais precisos os métodos de escavação com as decapagens em grandes superfícies e com os registros meticulosos, ampliando também o alcance das reflexões pertinentes aos sítios arqueológicos. Leroi-Gourhan foi também um dos pioneiros no uso dos recursos quantitativos na análise dos vestígios arqueológicos. Os milhares de vestígios arqueológicos encontrados passaram a ser estudados com a aplicação de métodos estatísticos, graças às invenções da máquina de calcular e do computador. Chegou-se mesmo a criar o termo arqueometria para estas abordagens quantitativas que utilizam o cálculo matemático, que passaram a ser realizadas lado a lado com os estudos qualitativos¹⁴.

A arqueologia busca se afirmar com identidade própria, no campo das ciências humanas, neste pós-guerras. Para o inglês David Clarke, alguns arqueólogos se vêem como historiadores ou como antropólogos, enquanto que outros se consideram paleo-ecólogos. Entretanto, ele afirma com a convicção de quem sabe qual a identidade de sua ciência, “que a arqueologia é arqueologia e é arqueologia”. Mas reconhece também que ela é uma disciplina ainda imatura à procura de suas verdadeiras dimensões. Ela buscaria a realização de seus objetivos e a afirmação de sua identidade, face a outras ciências mais maduras. A ciência da arqueologia deveria ser concebida como tendo três esferas de atividade: a) a descoberta dos dados geralmente obtidos em uma escavação; b) a descrição sistemática pelas classificações e

¹³ LEROI-GOURHAN, André. Opus cit, p. 253-270.

¹⁴ Pesez 1997: 50-51.

taxonomias; c) finalmente o estudo sintético e integrador, gerando modelos, hipóteses e teorias¹⁵.

A terceira das grandes transformações ocorreu no campo da cronologia do passado, e foi em grande parte uma contribuição das ciências da natureza. A partir dos anos 50, as possibilidades de datação absoluta se incrementaram. O quadro temporal se ampliou de maneira decisiva: a) 6.000 anos no século 16; b) 500.000 entre 1930-60; 2 milhões de anos após 1970.

O método do C14, do químico Williard F. Libby, foi publicado em 1947 ampliando de maneira incrível as possibilidades de se realizarem datações absolutas em larga escala na arqueologia. A datação por Carbono 14 facilitou não apenas a cronologia dos achados, mas permitiu a elaboração de grandes sínteses sobre o povoamento de muitas regiões do globo terrestre. As origens do homem recuaram subitamente para um e logo dois milhões de anos, graças ao método do potássio-argônio. O próprio conceito de documento arqueológico se alterou, dando origem à quarta das grandes transformações ocorridas.

A ciência da história, neste mesmo período, também ampliou o seu conceito de fonte documental histórica. Ela voltou-se para outras importantíssimas fontes de informações sobre o passado das sociedades históricas, que terminam sendo complementares aos documentos escritos. Um exemplo disto são as informações prestadas pelas atuais gerações, através das técnicas de questionário científico desenvolvidos pela história oral. A utilização segura e objetiva dos documentos iconográficos (fotografias, pinturas, gravuras) foi um outro inestimável avanço no campo da história.

Os arqueólogos viram os seus documentos materiais serem valorizados pelos historiadores, da mesma maneira que a arqueologia dos sítios históricos valoriza os documentos escritos. A própria concepção de cultura material se ampliou, para os arqueólogos, abrangendo agora tudo o que os homens do passado produziram e não apenas o que as elites nos deixaram. Assim atualmente vemos arqueólogos preocupados com a cultura material abandonada pelas sociedades do passado e que, recuperada nas camadas estratigráficas, são evidências que nos permitem a reconstituição do cotidiano das populações, inclusive dos servos e dos escravos. A sua tecnologia é estudada, possibilitando o estudo dos saberes técnicos de uma população, as seqüências de gestos técnicos, as fontes de obtenção de matérias primas, os locais de fabricação dos utensílios e o uso social de cada um deles. Os

¹⁵ CLARKE1978: 11, 12 e 19.

arqueólogos se voltam para inúmeros vestígios que não são necessariamente artefatos produzidos artesanalmente. Resíduos do consumo de plantas e de animais não são apenas vistos como restos de alimentação, mas permitem aos arqueólogos estudar os hábitos culinários de certos grupos. Estes vestígios podem também nos informar sobre as paleopaisagens e as modificações ambientais. A arqueologia tornou-se indiscutivelmente uma ciência interdisciplinar.

Outra grande mutação ocorreu quando os arqueólogos começaram a se preocupar com os próprios mecanismos mentais e as arquiteturas intelectuais da produção do saber arqueológico. Trata-se de uma atenção voltada para a epistemologia da própria ciência arqueológica. Jean-Claude Gardin e Paul Courbin na França, David Clarke e Ian Hodder na Inglaterra e Lewis Binford nos Estados Unidos foram os nomes de destaque nestas primeiras considerações de ordem teórica, que terminaram gerando uma fértil discussão científica sobre a constituição e a contínua construção da própria ciência arqueológica.

Finalmente, novas abordagens começaram a se destacar no campo da ciência arqueológica, mostrando os passos sucessivos de suas transformações. Uma delas foi a popularização da arqueologia experimental, que deu ênfase na reconstituição dos artefatos do passado e pelas experiências de sua utilização. Devido aos ótimos resultados alcançados, mais e mais arqueólogos lascaram e poliram experimentalmente artefatos líticos. Aldeias da idade do bronze foram reconstituídas inteiras. Outra abordagem que deu uma nova direção nas investigações arqueológicas foi a etnoarqueologia, que buscou observar com muito cuidado os resultados dos estudos etnológicos. Comparando as observações da etnografia com as interpretações dos arqueólogos, foi possível testar a validade das reconstituições do passado. Na América, do norte ao sul, surgiu uma “arqueologia da colonização”, que estudou as múltiplas ações e reações dos grupos étnicos locais à expansão colonizadora européia. Dados do período colonial, nestes sítios arqueológicos podemos constatar as atividades evangelizadoras de ordens religiosas ao fundarem povoados missionários, as ações dos militares como a construção de fortalezas, as relações econômicas dos mercadores ao longo das rotas comerciais, e finalmente dos produtores no campo da pecuária, como a implantação das estâncias de gado e as construções em pedra dos caminhos dos tropeiros.

Nas últimas décadas do século 20, assim como a atual história do tempo presente trouxe os estudos historiográficos até nossos dias, a arqueologia recente também rompeu os limites cronológicos em direção à atualidade. São comuns as atividades de arqueólogos voltados para uma arqueologia industrial, que nos fornecem muitos dados inexistentes nos

documentos escritos sobre esta importante atividade econômica do mundo contemporâneo. Nos Estados Unidos se chegou mesmo a fazer uma experiência com a arqueologia do lixo, evidenciando hábitos de consumo e de desperdício da população atual. Num parque localizado em campo de batalha da Primeira Guerra Mundial, um arqueólogo que realizava arqueologia de contrato encontrou não apenas um tanque de guerra da época, mas também covas coletivas com dezenas de esqueletos de soldados alemães, cujos ossos foram entregues às suas famílias graças às plaquetas de identificação que haviam sido enterradas com eles.

Talvez uma das maiores transformações ocorridas é o surgimento de uma das atividades arqueológicas mais praticadas na atualidade: a arqueologia de urgência denominada de preventiva ou de contrato, antes denominada de salvamento. As destruições dos sítios arqueológicos e das coleções de vestígios do passado neles depositadas e conservadas ao longo dos anos, têm sido rápidas e radicais. Esta destruição do passado pode ser provocada por diversas razões, tanto em nosso mundo rural como no coração de nossas cidades. Podemos destacar alguns exemplos: a) a construção de uma nova estrada ou a duplicação de uma já existente; b) a construção de uma imensa hidroelétrica cuja barragem que irá conter um lago gigantesco; c) a construção de dutos de gás ou de petróleo que chegam a atravessar diversas nações; d) a implantação de garagens subterrâneas de diversos andares para acomodar a multiplicação de carros nas grandes cidades; e) novas estações subterrâneas de trens urbanos (metrô). Através da arqueologia preventiva, os arqueólogos participam ativamente do desenvolvimento da nação, principalmente com as ações de salvamento nas obras em curso em estradas, hidroelétricas, loteamentos urbanos e rurais, etc. Estas séries de ações relacionadas ao próprio desenvolvimento das sociedades atuais obrigam os órgãos do patrimônio e os arqueólogos a realizarem atividades de salvamento com prazos muito curtos e que muitas vezes não conseguem salvar a totalidade dos vestígios arqueológicos existentes, que terminam sendo inexoravelmente destruídos. As verbas destinadas às atividades preventivas têm sido muito limitadas. Ao mesmo tempo, a maioria das informações coletadas a cada ano pelos arqueólogos tem sido provenientes destas atividades. Já no final do século 20 estas diversas transformações davam origem a uma arqueologia muito diferente daquela praticada no passado. Ela é, de fato, uma nova arqueologia.

A partir de 1970 a 80, uma nova transformação atinge a arqueologia. A noção de patrimônio arqueológico se institucionaliza. São criados os Institutos ou as Diretorias do Patrimônio Nacional em quase todos os países onde ocorre um desenvolvimento das atividades arqueológicas. Todos os elementos da cultura material dos sítios arqueológicos

históricos, proto-históricos e pré-históricos deverão ser protegidos. Discutem-se as técnicas e os critérios de conservação e restauração. Criam-se listas e classificação de sítios e monumentos a serem protegidos. Em 1972 a UNESCO inicia a lista do que se denominou de “patrimônio mundial”, seguida por países que organizaram suas próprias listas de patrimônio nacional”. “Mesmo se existe um consenso verdadeiro em torno da necessidade de conservar, e estudar e de tornar conhecido o patrimônio, o debate que concerne seu futuro e a distribuição dos papéis das diferentes instituições na sua conservação e sua valorização, está longe de ter se encerrado”¹⁶.

Podemos afirmar que atualmente, em todos os países onde se pratica a arqueologia, os arqueólogos compartilham de práticas e de reflexões muito semelhantes. Entretanto, a arqueologia se apresenta como uma disciplina muito variada e fragmentada em diversas subdisciplinas. Ao mesmo tempo, as sociedades que atualmente praticam a arqueologia são tão diversas em seus interesses e ideologias, que se torna compreensível que os arqueólogos tenham diversas posturas. Entretanto é exatamente esta amplitude de domínios que caracteriza a arqueologia o que explica a possibilidade dela nos dar lições que são muito variadas¹⁷.

O arqueólogo atual não é mais apenas um colecionador de obras de arte, nem um classificador meticuloso de objetos, nem mesmo um mero auxiliar dos especialistas das ciências da antropologia ou da história. O arqueólogo pratica uma disciplina autônoma e com o objetivo específico de estudar as sociedades do passado, sobretudo a partir dos vestígios materiais que sobreviveram, ou seja, o patrimônio arqueológico remanescente.

A arqueologia pode e deve dar às populações que a praticam, certezas sobre a suas origens e heranças culturais, salvando o patrimônio da cultura material do passado com as suas atividades desenvolvidas no presente.

¹⁶ SIRE, Marie-Anne. Patrimoine In: DELACROIX, C. DOSSE, F. GARCOIA, P. OFFENSTADT, N. HISTORIOGRAPUIES (Vol. 2). Paris: Gallimard, 2010. P. 829.

¹⁷ BAHN, Paul. Opus cit. 2002: 38 e 41